

O conhecimento do espírito através do auto-conhecimento **Rudolf Steiner**

GA 52* Berlim, 16 de março de 1904

Tradução: Salvador Pane Baruja, 30/08/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Para transmitir ao ser humano a sabedoria celestial, é preciso atingir o autoconhecimento^{NT}. *Platão*^{NT} venerava o seu grande mestre *Sócrates*, especialmente porque Sócrates chegou ao mais elevado conhecimento, ao conhecimento divino, através do autoconhecimento, porque este apreciava mais o conhecimento da própria alma do que todo o conhecimento da natureza exterior. Sócrates tornou-se um mártir do conhecimento e da verdade, porque foi mal interpretado no seu conhecimento da alma. Foi acusado de negar a existência dos deuses, quando na verdade ele os procurava por outros caminhos, pelos caminhos da própria alma; foi acusado por causa desse conhecimento da alma, que não tinha como simples meta o conhecimento da própria alma, mas também chegar à jóia do conhecimento que a alma humana guarda, especificamente o conhecimento do fundamento do mundos dos deuses.

As próximas três conferências tratam desse auto-conhecimento. O número de conferências não foi escolhido de maneira arbitrária, nem por acaso, mas pensado a partir do caminho do desenvolvimento da alma. Nos tempos em que a sabedoria e o conhecimento da alma tornaram-se o centro de todo o sentido e a aspiração humanos, nos tempos da antiga sabedoria hindu dos Vedantas, precusores do Budismo, e também na época do florescimento do Budismo, e novamente no apogeu da filosofia grega, e ainda nos primeiros e melhores tempos do desenvolvimento cristão, a essência do ser humano estava dividida em três partes: corpo, alma e espírito. É por isso que esta primeira conferência introdutória trata das relações da alma com o corpo. A segunda conferência tratará da verdadeira essência do ser humano e a terceira vai mostrar o panorama que se adquire do fundamento divino-espiritual da existência dos mundos a partir da alma humana.

Por um curioso desígnio da história, os pesquisadores ocidentais perderam o acesso a essa divisão da essência humana em três partes. Onde quer que os senhores busquem a Ciência da Alma^{NT}, verão que ela foi substituída pela Ciência Natural ou pela doutrina do corpo, e ouvirão por toda a parte que o ser humano deve ser observado a partir de dois pontos de vista, daquele que esclarece a corporalidade e daquele que esclarece a alma. Em termos populares, fala-se que o ser humano é constituído de corpo e de alma. Esta frase, que na verdade serve de apoio a toda a Ciência da Alma que os senhores conhecem e que gerou muitos erros, tem uma história muito curiosa. Até os primórdios do Cristianismo, quem pensava a respeito da essência humana e tentava explicá-la apresentava o ser humano como dotado dos três membros, de corpo, alma e espírito. Se os senhores lerem as doutrinas dos primeiros doutores cristãos ou dos gnósticos, por toda a parte encontrarão essa divisão.

{NT: Rudolf Steiner escolheu o título “A doutrina teosófica da alma I”, que na segunda edição recebeu o acréscimo “Corpo e alma”. O processo assinalado na primeira frase da presente tradução levou-me a optar pelo título acima, ligeiramente transformado.

As pessoas citadas pela primeira vez no texto original têm seu nome grafado em itálico.

Steiner refere-se às conferências proferidas em Berlim, em 23 e 30 de março do mesmo ano.

Utilizo a expressão Ciência da Alma, pois a tradução mais corriqueira - Psicologia - sofre o desgaste de séculos do uso materialista desse conhecimento anímico-espiritual.}.

Essa trilogia, reconhecida pela ciência cristã e pela Dogmática, estava presente até o segundo e o terceiro séculos depois do Cristo. Posteriormente, o Cristianismo considerou perigosa essa doutrina. Dizia-se que, como através dela o ser humano se eleva de sua alma até Deus, ele se tornaria soberbo, que se atreveria a explicar o fundamento das coisas, que somente a revelação {divina} deveria esclarecer. É por isso que foi discutido em vários concílios e decidido o seguinte dogma a ser ensinado daí em diante: o ser humano é constituído de corpo e alma. Teólogos famosos como *Johannes Scotius Erigema*¹ e *Tomás de Aquino* aceitaram até certo ponto essa trilogia. Mas gradativamente a ciência cristã perdeu a consciência dessa trilogia, cujo cultivo era a sua atribuição, especialmente na Idade Média. Durante o florescimento da ciência nos séculos XV e XVI, essa consciência já tinha desaparecido. Mesmo *Descartes* distingue somente entre corpo e alma. E assim ficou. Aquelas pessoas que atualmente falam da Ciência da Alma não sabem que estão sob influência de um dogma cristão. Pode-se ler em qualquer livro que esas pessoas acreditam que o ser humano só tem corpo e alma. Mas na verdade elas transmitem até hoje um preconceito criado há vários séculos e a ele se submetem. Isso será mostrado ao longo das próximas conferências.

Agora cabe mostrar qual é a relação que o isento observador anímico deve assumir entre a alma e o corpo, pois os resultados da moderna Ciência Natural aparentam mostrar que não se pode mais falar da alma como se fez durante milênios. A pesquisa da Ciência Natural, que imprimiu a sua marca e o seu desenvolvimento espiritual ao século XIX, tem repetidamente esclarecido que não é possível unir suas conclusões a uma Ciência da Alma no antigo sentido da palavra – como por exemplo à de Goethe e, em parte, à de Aristóteles. Os senhores podem consultar os compêndios de Ciência da Alma ou *O enigma do mundo*, de Haeckel². Por toda a parte, encontrarão que os preconceitos dogmáticos estão presentes e que rege a opinião de que os velhos métodos de observação, pelos quais tentou-se essa aproximação à alma, estão superados. Eu digo em nome dos cientistas e dos admiradores de Haeckel que ninguém admira mais o Haeckel do que eu mesmo por uma grandiosa monumentalidade científica. Mas grandes pessoas também cometem grandes erros e deve-se convir da necessidade de se questionar um preconceito de nossa época.

O que se fala desse ponto de vista? Fala-se que, aquilo que era chamado de alma, escorreu-se entre os dedos. Os pesquisadores da Ciência Natural mostram que todas as percepções sensoriais, tudo o que se desenvolve como a vida das representações, o pensar, a volição, o sentir, tudo isso está ligado a áreas bem determinadas do cérebro e do sistema nervoso do ser humano. Fala-se que a Ciência Natural do século XIX mostrou que, quando determinadas áreas do córtex cerebral não estão completamente intactas, torna-se impossível realizar certas expressões anímicas. Daí tira-se a conclusão de que as expressões anímicas estão localizadas nessas áreas do cérebro humano e que, dependem dessas áreas. Usa-se uma expressão drástica: certo ponto específico do cérebro é o centro da fala, outra área responde por uma atividade anímica, etc., de tal forma que a alma é demolida passo a passo. Mostrou-se assim que, quando certas áreas do cérebro adoecem, ao mesmo tempo acontece a perda de determinadas faculdades anímicas. Nenhum pesquisador da Ciência Natural achou aquilo que durante milênios se convencionou chamar de alma, algo que esses pesquisadores não entendem. É como se eles dissessem: encontramos o corpo {do ser humano} e as suas funções, mas não a sua alma.

1 - Johannes Scotus Erigena viveu aproximadamente de 810 a 877 e escreveu *De divisione naturae* (Das divisões naturais).

2 - Ernst Haeckel, autor de *Die Welträtsel* (O enigma do mundo), de 1899.

O grande mestre da moral darwinista, Bartholomäus Carniero³, que escreveu sobre a ética do darwinismo, expressou claramente a sua convicção como talvez ninguém o fizera nesse círculo de pesquisadores. Ele diz: aqui temos um relógio. Os ponteiros avançam, o relógio funciona. Tudo isso acontece por meio do mecanismo que está no relógio. Da mesma maneira como o que o relógio mostra é uma expressão do mecanismo do relógio, assim também o que o ser humano sente, pensa e quer é uma expressão do mecanismo dos nervos. Não se pode imaginar que um minúsculo ser movimente o mecanismo do relógio nem se pode aceitar que fora do organismo humano exista uma alma que gera o pensar, o sentir e o querer. Essa é uma confissão da relação espiritual de um pesquisador da Ciência Natural, que esses pesquisadores a transformaram numa nova crença, numa religião meramente naturalista. Eles acreditam que os resultados das ciências os obrigam a professar essa fé e que têm o direito de considerar um espírito pueril a pessoa que não chega à mesma conclusão. Bartholomäus Carniero mostrou isso sem atenuantes: enquanto os seres humanos eram como crianças, falavam como Aristóteles, mas agora se tornaram adultos e entendem que a ciência deve abandonar essa visão infantil. A compreensão do cientista, de que vê no ser humano nada mais do que um mecanismo, está de acordo com a parábola do relógio. Essa visão {de mundo} foi expressada radicalmente. Ela é vista como a única digna dos tempos atuais. E é apresentada de tal forma que as descobertas da Ciência Natural nos obrigam a abraçar essa crença.

Contudo, nós devemos questionar. São realmente a Ciência Natural e a pesquisa exata de nosso sistema nervoso, de nossos órgãos e de suas funções o que, em parte, nos obrigam a aceitar essa visão? Não, pois tudo o que é atualmente apresentado como se fosse o ponto alto da ciência já existia no século XVIII como germe. Nada havia da moderna Ciência da Alma, nem das descobertas de *Johannes Müller*⁴ e de sua escola, nada das descobertas dos pesquisadores da natureza do século XIX. Nos séculos anteriores, essas visões foram propagadas da maneira mais radical possível no Iluminismo francês, que não conseguiu se apoiar na ciência e aí então ressoou pela primeira vez a frase: O ser humano é uma máquina. O livro de Halbach⁵, *Système de la nature*, provém dessa época, do qual Goethe⁶ disse que se sentiu repellido pela sua superficialidade e futilidade. Essa é a prova de que essa visão já existia antes da moderna ciência natural. Deve-se dizer que, ao contrário, o materialismo do século XVIII se sobrepôs ao espírito do século XIX e que a confissão de fé materialista determinou o modo de pensar que foi levado para a Ciência Natural. Essa é a verdade histórica. Se não fosse assim, deveríamos francamente considerar infantil a visão da moderna Ciência Natural de que não se pode falar da alma como antigamente, porque pode-se demolir a alma da mesma forma que se demoliu o cérebro.

Afinal, o que se ganhou com essa observação acima citada? Nenhum pesquisador da Ciência da Alma que tenta conhecer a alma no sentido de Aristóteles, dos antigos gregos e, apesar dos protestos que virão de muitos lados, da Idade Média cristã, pode seguir as verdades da atual Ciência Natural. Todo e qualquer pesquisador razoável da Ciência da Alma concorda com o que a Ciência Natural afirma sobre o sistema nervoso e o cérebro como o intermediário de nossas funções anímicas. Não causa nenhuma surpresa que, quando uma certa área do cérebro adoece, a pessoa não pode falar.

3 - Bartholomäus von Carneri: veja a obra *Empfindung und Bewußtsein* (Sensação e consciência), Bonn 1893, IV. Sensação, p. 15.

4 - Johannes Peter Müller, 1801-1858, criador da tendência físico-química da nova Fisiologia. Sobre a lei das energias sensoriais, veja a sua obra *Handbuch der Physiologie des Menschen* (Manual de Fisiologia Humana), 1834, Volume 3, Seção IV, capítulo I.: Sobre os nervos sensoriais.

5 - Paul Heinrich Dietrich Baron von Holbach, autor de *Systeme de la nature ou des lois du monde physique et du monde morale*, (Os sistemas da natureza ou das leis do mundo físico e do mundo moral), 1770.

6 - Wolfgang von Goethe, *Dichtung und Wahrheit* (Poesia e verdade), Volume 11.

Igualmente não surpreende que uma pessoa assassinada não possa mais pensar. A ciência moderna nada mais fez do que apresentar isoladamente aquilo que as pessoas já sabiam há muito tempo. Assim como a pessoa sabe que sem certas áreas do cérebro não pode falar nem criar representações, assim também deveria ser vista como prova de que a pessoa não tem alma quando for assassinada. Também os praticantes do Vedanta, Platão e outras pessoas sabiam claramente que a atividade anímica da pessoa cessa de existir se sua cabeça for esfaqueada por uma rocha. A antiga Ciência da Alma não ensinou nada diferente disso. Podemos ter certeza disso. Podemos aceitar a totalidade da ciência e, mesmo assim, ter uma outra compreensão da Ciência da Alma. Nos séculos passados, as pessoas estavam de acordo de que o caminho que a Ciência tomara não levaria ao conhecimento da alma e por isso não era possível contradizê-la. Se os que a partir da Ciência Natural tentam refutar a antiga Ciência da Alma fossem versados nos processos do pensar dos tempos passados, quando as pessoas ainda não estavam presas demais à vida exterior e nem estavam acostumados a observar a própria vida anímica, aí eles poderiam ver nesses processos do pensar do passado que a luta, desse ponto de vista, da Ciência Natural contra a Ciência da Alma é uma luta quixotesca.

Essa luta já foi apresentada numa disputa que os senhores encontram na literatura budista, na qual não aparece o discurso do Buda e foi escrita alguns anos antes do nascimento do Cristo. Quem, contudo, pesquisar a disputa, entenderá que é uma das mais verdadeiras e antigas visões do budismo, vista na disputa entre o rei Milinda, representante da sabedoria e da dialética gregas, e o sábio budista Nagasena⁷. O rei pergunta ao sábio budista: “Diga-me, quem reconhecem as pessoas em você?”. O sábio Nagasena responde: “Eu sou chamado de Nagasena. Mas é só um nome. Não tem nem um sujeito nem uma personalidade por trás”. O rei Milinda, herdeiro do poder e da habilidade do pensamento grego, diz: “Como assim? As pessoas aqui presentes ouvem o sábio afirmar que nada sustenta o nome Nagasena. O que é então o que está à minha frente? São as suas mãos, as suas pernas, Nagasena? São os seus sentimentos e suas representações? Não, nada disso é Nagasena. Mas como ele afirma que nada disso é Nagasena, que apenas é um nome que tudo sustenta, quem é realmente e o que é realmente Nagasena? O que vive por trás do cérebro, dos órgãos, da corporalidade, dos sentimentos e representações, isso é nada? É um nada o que prega que as pessoas façam o bem? É um nada que faz o bem e faz o mal? É um nada o que aspira à santidade? Um nada atrás de um simples nome?”. Nagasena responde com outra parábola: “Como você chegou aqui, ó rei Milinda, a pé ou de carruagem?”. O rei responde: “De carruagem”. Nagasena prossegue: “Descreva a sua carruagem. O eixo é a carruagem? As rodas são a carruagem?”. O rei responde: “Não”. Nagasena diz: “O que é então a sua carruagem? É um nome, que só faz referência ao conjunto das suas diferentes peças”.

O que quis dizer o sábio Nagasena, que se formou na doutrina budista? “Ó rei, você, que conquistou uma grande e poderosa capacidade da filosofia grega, deve entender que quando você observa os elementos da carruagem no seu conjunto somente pode chegar a conhecer seu nome, assim também só pode chegar a conhecer os membros que constituem o ser humano”.

Os senhores poderão se perguntar, a partir desta antiga relato que permite chegar à mais remotas tradições da visão de mundo budista, o que foi dito. Nada mais foi falado de que o caminho da observação através dos órgãos externos, sejam eles pequenos, grandes ou finos, para conhecer a alma é o caminho equivocado. O grande anatomista Mechislow⁸ estimou que a interação das representações pode chegar a somar um bilhão de unidades. No sentido apresentado pelo sábio

7 - *Milindapanha, Die Fragen des Königs Menandros* (Milindapanha, As questões do Rei Menandros), Berlin, 1905. traduzida ao alemão por Otto Schrader.

8 - Ilja Iljitsch Metschnikow (1845-1916) foi um zoólogo e bacteriologista russo.

Nagassena, não podemos achar a alma. Nos tempos em que se sabia como chegar à alma, nunca se tentou esse caminho para achá-la e estudá-la. É o caminho errado. A retirada parcial dos sutis e íntimos caminhos pelos quais os sábios do Cristianismo medieval ainda tentava à moda antiga chegar à alma foi uma necessidade histórica depois que a Ciência Natural passou a trilhar o mundo exterior. Afinal, quais são os métodos e os pontos de vista que a Ciência Natural desenvolveu de maneira especial? Os senhores podem ler nas obras deixadas pelo mais genial pesquisador do presente, que realizou grandes descobertas na Teoria da eletricidade o lema da moderna Ciência Natural: simplicidade e praticidade. Um psicólogo que trabalhava no sentido da Ciência Natural acrescentou: a clareza. Pode-se falar que, através da simplicidade, da praticidade e da clareza, a Ciência Natural realizou milagres.

Mas isso não pode ser aplicado à essência da alma. É pela clareza em relação à observação dos membros exteriores e pela praticidade quanto à aparência exterior que a Ciência Natural passou a procurar a relação entre as partes. Mas é justamente isso que, no sentido da expressão do sábio Nagassena, nunca pode levar à alma. Como afinal esse é o caminho escolhido pela Ciência Natural, é compreensível que ela se afastou do caminho que conduz ao espírito. Sequer existe hoje consciência das aspirações dos pesquisadores da Ciência da Alma através dos séculos. É verdadeiramente fabuloso o que se fala nesse sentido, ver quanto desconhecimento surge quando em círculos aparentemente competentes se fala sobre a doutrina da alma do Aristóteles, dos primeiros pesquisadores cristãos e dos da Idade Média.

Contudo, quando se quer entender cientificamente a essência da alma não existe outro caminho do que o trabalho interior de entender os postulados de Aristóteles, dos primeiros cristãos e dos patriarcas cristãos a respeito do conhecimento da alma. Não existe outro método. Ele é nessa área importante, assim como o método da Ciência Natural o é para a ciência exterior. Mas esses métodos da Ciência da Alma se perderam na sua maioria. Autênticas observações interiores não são consideradas {atualmente} de jeito nenhum como pertencentes ao campo científico.

O movimento teosófico se propôs a tarefa de voltar a pesquisar os caminhos da alma. Eles podem ser achados das mais diferentes maneiras. Em conferências anteriores, tenho tentado por meio de métodos puramente teosóficos trilhar os caminhos da área espiritual pura. Porém, neste ponto deve-se mostrar inicialmente como fez o grande *Aristóteles* {NT: no original} para fundamentar a Ciência da Alma no final da grande época da filosofia grega. Antes dele, a sabedoria da alma já era cultivada. Veremos mais à frente como a sabedoria da alma era cultivada na antiga sabedoria egípcia e na sabedoria vedanta. Hoje gostaria de falar da doutrina da alma de Aristóteles, que, séculos antes do nascimento do Cristo, chegou como cientista, como erudito, à conclusão daquilo que foi descoberto posteriormente por outros meios. Podemos dizer que na doutrina da alma de Aristóteles⁹ temos algo que pode oferecer o melhor na área da Ciência da Alma.

E porque Aristóteles transmite o melhor é que se deve falar dele. Esse espírito grandioso da época – seus obras são um tesouro em relação ao conhecimento dos tempos antigos e quem se aprofundar em Aristóteles vai ficar sabendo do conhecimento daquela época – não era clarividente como Platão, pois era um cientista. Quem quiser se aproximar à área científica da alma, deve trilhar os caminhos do Aristóteles. Ele é uma personalidade que em todas as sentidos satisfaz as exigências do pensamento científico. Existe um ponto, como logo veremos, um único ponto onde achamos Aristóteles insatisfatório para a doutrina da alma e que se tornou a grande fatalidade de todas as doutrinas ocidentais da alma.

9 - Aristoteles, *De anima* (Sobre a alma).

Aristóteles foi um mestre do desenvolvimento da Ciência Natural. Ele apoiava a perspectiva da doutrina do desenvolvimento. Partiu do pressuposto de que todos os seres se desenvolvem conforme a rigorosa necessidade científico-natural. Aceitava que os seres mais imperfeitos surgiram por geração espontânea, através do mero encontro da matéria inanimada, de maneira natural. Essa é uma hipótese, mas um verdadeiro pomo da discórdia científica, que Hackel partilhou com Aristóteles. Assim como que também concordava com Aristóteles de que uma escada ascendente leva até o ser humano. Aristóteles inclui nesse desenvolvimento a evolução da alma e estava convencido que não existe uma diferença radical entre o corpo e a alma, mas apenas graus dessa diferença. Isto é, Aristóteles estava convencido de que, durante o desenvolvimento do imperfeito para o perfeito, surge o momento quando se chega à etapa na qual o ser inanimado encontra sua forma e surge por conta própria a possibilidade da alma se desenvolver a partir do inanimado. Ele apontou as etapas que existem entre a chamada alma vegetal, que vive no mundo vegetal, e a alma animal, que mora no reino animal e, finalmente, o nível mais elevado dessa alma animal, que vive no ser humano.

Os senhores vêm, Aristóteles, se bem entendido, concorda integralmente com a moderna Ciência Natural. Agora, se os senhores desenvolverem o que Haeckel escreveu nas primeiras páginas de *O enigma do mundo*, onde ele se apoia nas leis naturais corretas, e as comparassem com a Ciência Natural e a doutrina da alma de Aristóteles, aí os senhores verão que, descontada a diferença temporal, realmente não existem divergências entre ambos os cientistas.

Agora, chega-se ao ponto onde Aristóteles vai além da Ciência da Alma, aí onde a moderna Ciência Natural acredita ter chegado. Vê-se, então, que Aristóteles conseguiu realmente observar a vida interior. Quem acompanhar com grande compreensão o que Aristóteles daqui em diante desenvolve a partir dessa Teoria do Conhecimento natural verá que as objeções à visão de Aristóteles mostram que esta não foi compreendida na sua totalidade. É infinitamente fácil entender que a alma animal deve dar um enorme passo para chegar à alma humana. É infinitamente fácil entender isso. Nada impede dar esse passo junto com Aristóteles, exceto os hábitos do pensar que surgiram no decorrer da direção espiritual na Idade Moderna. Aristóteles vê claramente que no interior da alma humana surge algo que é essencialmente diferente do anímico que se encontra fora da alma. Aliás, os antigos discípulos de Pitágoras já tinham falado que, quem consegue entender a verdade de que o ser humano é o único ser que pode aprender a fazer cálculos, ele conhece a diferença entre o ser humano e o animal.

O sábio grego Platão só considerava apto para ingressar na sua escola filosófica aquele que aprendera Matemática, pelo menos os seus elementos básicos. Ou seja, Platão nada mais queria do que aqueles a quem ele iniciava na Ciência da Alma soubessem algo a respeito da natureza da Matemática, da natureza dessa singular atividade espiritual que o ser humano pratica quando se dedica à Matemática. Aristóteles também sabia que não é preciso dedicar-se à Matemática, mas entender que para o ser humano é *possível* {NT: no original} fazê-lo. Isto é, que o ser humano está em condições de encontrar leis rigorosamente fechadas em si mesmas e que não lhe fornecem nenhum acesso ao mundo exterior. Somente aquele que não cultiva o pensar, que não atinge a auto-observação, não vê claramente que nunca terá acesso à mais simples equação matemática através da mera observação exterior. Em nenhum lugar da natureza existe realmente um círculo, uma linha reta, uma elipse, mas na Matemática existe realmente um círculo e o mundo que conquistamos interiormente o aplicamos no exterior. Esse é um fato e só quem consegue pensá-lo pode chegar a uma verdadeira contemplação da essência da alma.

É por isso que a Teosofia exige que seus discípulos que querem aprofundar-se nela que realizem um rigoroso aprendizado do pensar, não do pensar errático do dia a dia, não do pensar errático da filosofia ocidental, mas o pensar que pratica a auto-observação com minuciosa interiorização. Esse pensamento permite reconhecer a abrangência dessa frase. Aqueles que através do aprendizado da Matemática assimilaram as maiores conquistas na Astronomia enxergam esse alcance e falam dele. Se os senhores lerem os escritos de *Kepler*¹⁰, o grande astrônomo, o que ele escreveu sobre esse fenômeno fundamental da auto-observação humana, então os senhores verão o que essa personalidade manifesta a esse respeito. Ele sabia que o alcance do pensar matemático conduz até os mais distantes espaços celestes. Ele disse: É maravilhosa a concordância que encontramos quando, sentados na solitária sala de estudos, pensamos a respeito de círculo e elipses apenas a partir do nosso pensar e depois olhamos para o alto e achamos nas esferas celestes a concordância entre elas. Esses mestres não praticavam a mera observação exterior, mas também aprofundavam esse conhecimento. Na Escola de Filosofia {da Antiguidade} logo de início devia ficar claro para aqueles que queriam ingressar quem seria aceito. Pois sabia-se que, assim como quem tem cinco sentidos pode pesquisar o mundo exterior, a essa pessoa também poderia pesquisar em pensamento a essência da alma. Só era possível fazê-lo nessa sequência.

Havia uma outra exigência. O pensar matemático não era suficiente. Ele é o primeiro degrau, no qual nós vivemos inteiramente em nós mesmos, onde o espírito do mundo se desenvolve a partir do nosso interior. É o degrau mais trivial, o mais ínfimo, que deve ser inicialmente penetrado, mas que deve ser igualmente ultrapassado. O mais velho pesquisador anímico exigia que a mais elevada região do conhecimento fosse conquistada da mesma maneira a partir da profundidade da alma, assim como a Matemática resgata as verdades do céu estrelado do fundo da alma. Platão escondia essa exigência na frase: quem quiser entrar na minha escola, primeiro tem que passar por um curso de Matemática. A Matemática não era necessária {para o cultivo da Filosofia}, mas sim o conhecimento da independência do pensar matemático. Entendia-se que o ser humano tem em si uma vida que é independente da vida natural exterior, que ele pode tirar de si mesmo as mais elevadas verdades, então entendia-se também que a melhor ação do ser humano se estendia a algo que se encontrava além da atividade da natureza.

Vejam os senhores o animal. Sua ação fica restrita ao que é próprio à sua espécie. Cada animal faz aquilo que seus incontáveis antepassados também fizeram. O conceito de espécie domina totalmente o animal. Ele fará amanhã o mesmo que fez ontem. A formiga constrói seu maravilhoso formigueiro, e o castor faz a sua obra, da mesma forma como em dez, cem, mil anos. Aí também existe desenvolvimento, mas não história. Quem compreender que o desenvolvimento humano não é o mero desenvolvimento, mas história, poderá então da mesma maneira entender o método da observação anímica, assim como quem entende o que são verdades matemáticas.

Ainda existem povos primitivos. Eles vivem na verdade rumo à extinção, mas também existem aqueles {membros desses povos} que não estabeleceram relações entre o hoje e o amanhã. Existem aqueles que, quando faz frio, se cobrem com as folhas das árvores. De manhã, jogam-nas fora e à tardinha devem novamente buscar novas folhas. Não estão em condições de transferir a experiência de ontem para o dia de hoje e o de amanhã. O que é necessário para gerar essa transferência da experiência? Não podemos dizer que, se hoje sabemos o que fizemos ontem, então amanhã vamos fazer o mesmo de ontem. Essa é a característica intrínseca da alma animal. Ela pode progredir, pode mudar de alguma forma no decorrer dos tempos, mas essa mudança {evolutiva} não é histórica. A história existe quando o ser humano individual pode aproveitar o que aprendeu, de tal

10 - Johannes Kepler (1551-1630), autor de *Harmonices Mundi* (A harmonia do mundo), entre outras obras.

maneira que pode incluir o que não aprendeu na prática de amanhã. Eu aprendo o sentido, o espírito, do que aconteceu ontem, posso organizar de tal maneira o que a minha alma ganhou através da observação de suas leis, que posso transferi-las para um futuro que ainda não observei.

Exploradores contam que já aconteceu de terem deixado uma fogueira acesa com lenha em áreas habitadas por macacos. Estes se aproximaram e se aqueceram na fogueira, mas não puderam alimentá-la com a lenha disponível. Os macacos não conseguiram tornar-se independentes das observações e experiências, não puderam tirar conclusões. O ser humano pode tirar conclusões e, assim, determinar por conta própria o seu destino. Ele projeta suas experiência no amanhã, transforma o desenvolvimento em história. Assim como ele transforma a experiência em teoria, e retira da natureza as verdades do espírito, também retira do passado as regras do futuro e torna-se o construtor do futuro.

Quem pensar criteriosamente essas duas situações, que o ser humano pode se tornar independente de duas formas e que não somente pode observar mas também formular teorias e que diferentemente do animal não tem apenas desenvolvimento, mas também história, quem avaliar isso, entenderá o que eu disse que no ser humano vive não somente a alma animal, mas que a alma animal pode se desenvolver ao ponto de captar o chamado *Nous*, o espírito do mundo. Aristóteles considera necessário que, para que o ser humano possa fazer história, o espírito do mundo deve mergulhar na alma animal. Segundo Aristóteles, a alma humana se diferencia da do animal, na medida em que esta se levantou no decorrer do desenvolvimento animal e aí ela foi elevada, até chegar às funções e atividades que lhe permitiram chegar a ter um espírito. Quando o grande Kepler diz que as leis conquistadas na solidão da sala de estudos podem ser aplicadas nos eventos do mundo exterior, isso significa que o espírito do mundo, o *Nous*, o *Mahat* {NT: o grande princípio, em sânscrito} mergulhou e elevou a alma humana um degrau a mais. A alma humana é como que elevada da alma animal. É o espírito que a eleva. O espírito vive na alma e se desenvolve a partir a alma, assim como a alma se eleva gradualmente do corpo.

Mas justamente essa última parte não foi formulada por Aristóteles ou ele não foi suficientemente claro. Na verdade, ele repetiu várias vezes que a alma se desenvolve gradualmente por um caminho natural. O *Nous* é, segundo Aristóteles, uma ação criadora de fora que introduz algo na alma humana. E isso {o que Aristóteles não formulou ou o fez de forma pouco clara} se tornou fatídico para a Ciência da Alma ocidental. Tornou-se fatídico que Aristóteles não foi capaz de apresentar a sua visão concreta numa teoria do avanço da história, pois a alma humana foi elevada pelo *Nous*, que anteriormente desceu nela. Ele não foi capaz de entender esse desenvolvimento naturalmente como o fez com o desenvolvimento da alma até aí. Só que sábios gregos e indianos já haviam conseguido isso. Eles entenderam o desenvolvimento natural do corpo, da alma e do espírito até a formação do espírito humano. Essa é uma ruptura [no pensamento] de Aristóteles. E penetra a idéia da criação. Veremos como a doutrina da alma da Teosofia vence essa ruptura e apresenta, do ponto de vista espiritual, o que é a consequência final da visão do mundo naturalista.

Mas somente porque vemos isso claramente é que torna-se necessário voltar à divisão do corpo, alma e espírito, pois assim, realmente podemos entender o desenvolvimento natural do ser humano. Mas não devemos crer que se pode achar o caminho até a alma a partir da observação das diferentes regiões do cérebro, que a moderna Ciência Natural considera ser o meio indiscutível.

Devemos aceitar que a objeção do sábio indiano Nagasema vale também para a atual doutrina naturalista da alma. Principalmente, devemos aceitar que é necessário empreender observações interiores profundas, profundas pesquisas espirituais, para achar o caminho da alma ao espírito. É uma noção falsa acreditar que os diversos sábios das diferentes religiões teriam falado o que a moderna Ciência Natural tenta rebater. Eles nunca disseram isso, nunca tentaram isso. Quem acompanha o desenvolvimento da alma pode ver claramente que aqueles que algo sabiam dos métodos da doutrina da alma nunca utilizaram os métodos utilizados pelos adeptos da Ciência Natural. Estes nunca acharão a alma [humana]. Os pesquisadores ainda sabiam o que a alma é e nunca a buscaram dessa forma.

Quero citar um dos pesquisadores mais malvistos, mas também o menos conhecido, quero falar em poucas palavras sobre a doutrina da alma do século XIII, da doutrina da alma de Tomás de Aquino. Este autor mostra as principais características dessa doutrina, aquilo que o espírito humano leva consigo quando abandona o corpo, o que o espírito humano leva consigo ao puro mundo espiritual, e que não pode ser comparado àquilo que o ser humano vivencia no seu corpo. Sim, Tomás de Aquino disse que a tarefa da religião no sentido mais idealista consiste em educar o ser humano para levar de seu corpo {ao mundo espiritual} aquilo que não é sensorial, que não está ligado à pesquisa, à observação e nem à experiência da natureza exterior.

Enquanto vivemos num corpo físico, vemos com nossos olhos e ouvimos com os nossos ouvidos o que é sensorial – por meio de nossos órgãos sensoriais captamos tudo o que sensorial. Mas o espírito elabora o sensorial. O espírito é o princípio realmente ativo. O espírito é aquilo que é eterno. Observem os senhores a profunda visão que surge graças à doutrina da alma de milhares de anos: o espírito que menos juntou nesta vida, ação que independe da observação sensorial exterior e da vida exterior sensorial, ele não é feliz quando desencarna. Tomas de Aquino diz: aquilo que vemos no nosso meio sensorial é permanentemente penetrado por fantasmas sensoriais.

Mas o espírito, justamente o espírito que mostrei no sentido da Matemática e do *Nous*, surge da maneira simples, assim como do ontem e do hoje resulta o amanhã; na medida em que esse espírito se liberta {dos fantasmas sensoriais}, colhe frutos para a eternidade. A doutrina da alma de Tomás de Aquino diz que o espírito que não se livrou dos fantasmas do mundo sensorial sente-se infinitamente solitário e vazio quando entra no mundo espiritual.

O sentido profundo do mito grego de se beber da corrente do rio Lete revela-se como pensamento: o espírito vai se desenvolver progressivamente na sua existência puramente espiritual à medida que se libertar cada vez mais dos fantasmas sensoriais. Portanto, quem busca o espírito de forma sensorial não pode encontrá-lo, pois quando o espírito se liberta do sensorial não tem mais a ver com o sensorial. Tomás de Aquino desaprova da maneira mais radical possível os métodos sensoriais para procurar o espírito. Ele é adversário de quaisquer experimentos e tentativas de entrar em contato com seres desencarnados e falecidos por meios sensoriais. O espírito é mais puro quando está livre de fantasmas sensoriais e do apego à sensualidade. Caso contrário, sente-se infinitamente solitário no mundo espiritual como se estivesse um mundo desconhecido. Essa solidão é o seu destino, porque não aprendeu a viver livre de fantasmas sensoriais. Vamos aprofundar completamente este tema quando o abordarmos na segunda conferência.

Os senhores vêm, nos tempos em que a observação íntima daquilo que vive no interior do ser humano era decisiva para a Ciência da Alma, {a Ciência Natural} passou a buscar a alma por caminhos opostos. Esse é o erro fundamental da ciência moderna e que leva a proclamar a frase dela ser a Ciência da Alma isenta de alma¹¹ como sendo a confissão de fé naturalista do século XIX. Essa ciência, que só se ocupa de observações exteriores, acredita que pode refutar os antigos. Mas ela desconhece os caminhos pelos quais buscou-se a alma [no passado]. Nada, absolutamente nada, deve-se dizer contra a ciência moderna. Ao contrário, como teósofos queremos pesquisar de tal forma a região da alma no sentido dessa ciência moderna, assim como ela pesquisa a pura natureza espacial, mas não queremos buscar a alma na natureza exterior, mas em nosso interior. Queremos buscar o espírito onde ele se revela, na medida em que percorrermos os caminhos da alma e, através do conhecimento da alma, chegarmos ao conhecimento do espírito. Esse é o caminho prescrito pela doutrina de milhares de anos, que deve ser entendido para captar a sua vigência e a sua verdade.

Isso torna, contudo, claro e será cada vez mais claro o que o ser humano que aprofundar vai sentir falta na fria ciência moderna quando quiser conhecer a alma, assim como Goethe sentiu falta ao ler a fria ciência de *Systeme de la nature*, de Holbach. Na natureza exterior, podemos acompanhar como o ser humano se desenvolve em relação à sua exterioridade, como ele chegou onde está, como as mônadas agem nas finas composições, como o sistema orgânico do centro corporal pode ser considerado uma expressão da alma, mas tudo isso só leva ao conhecimento da exterioridade [do ser humano]. Ainda fica em aberto a grande questão do destino do ser humano. Mesmo que entendamos bem o ser humano na sua exterioridade, ainda não o entendemos em relação a uma ou outra forma de destino que ele tem, ainda não entendemos qual é o papel do bem e do mal, da perfeição e da imperfeição.

A ciência exterior não pode fornecer nenhuma explicação sobre o que o ser humano vive no seu interior. A Ciência da Alma, que se baseia na auto-observação, pode dar uma resposta sob a forma de pensamentos. As grandes questões estão aí: de onde viemos, para onde vamos, quais são as nossas metas? Elas são as maiores questões de todas as religiões. Essas questões, que podem elevar o ser humano a um plano superior, são as que nos levarão do mundo anímico ao espiritual, ao espírito divino que preenche o mundo.

Esse deve ser o conteúdo da próxima conferência: através da alma até o espírito. Será então mostrado que a alma é real, e não uma expressão imaginativa, que também a alma animal perfeita, que aí chegou pelo mero desenvolvimento exterior, no ser humano só é uma alma humana porque hoje ela representa algo mais elevado, mais perfeito, e que leva em si a aspiração, o germe, de uma perfeição mais elevada ainda, uma perfeição sem limites.

No sentido dessa exigência, a alma humana tem algo a ser validado que não é gerado nem pelo espírito nem pelos fenômenos anímicos da animalidade, mas que o animal no ser humano deve se desenvolver para algo mais elevado, para assim poder cumprir a sua determinação, o seu dever, o seu destino. A Ciência da Alma da Idade Média expressa isso com as palavras de que somente quem conhece a verdade no seu verdadeiro sentido e que não a observa como ela se apresenta quando a ouve com os ouvidos físicos e nem a vê com os olhos físicos, mas assim como a verdade se apresenta quando a vemos como o reflexo do mais elevado espírito.

11 - Friedrich Albert Lange, autor de *Geschichte des Materialismus* (História do materialismo), Volume II. Seção 3. NT: esta indicação só consta da segunda edição da GA 52, de 1986.

Assim, gostaria de concluir esta conferência com as palavras de Tomás de Aquino: a alma humana se parece à lua, que ilumina, mas a luz a recebe do sol. A alma humana se parece à água, que não é nem fria nem quente em si, mas recebe o calor do fogo. A alma humana se parece a uma alma animal mais elevada, mas ela é uma alma humana porque recebe a sua luz do espírito humano.

Em harmonia com essa observação medieval, Goethe¹² disse:

A alma humana
é como à água,
provém do céu,
ascende ao céu,
e deve descer
novamente à Terra,
em eterna alternância.

Somente assim pode-se entender a alma humana, quando se compreende nesse sentido, quando se entende no sentido dela ser um reflexo da mais elevada essência, que encontramos por toda a parte no cosmos como um reflexo do espírito do universo que preenche o cosmos.

* GA 52 A doutrina espiritual da alma e a observação do mundo Rudolf Steiner Verlag Dornach 1972.

12 - Wolfgang von Goethe, *O canto dos espíritos às águas*, primeira estrofe. {NT: minha tradução.}.